

A RELAÇÃO ENTRE PESQUISA E ENSINO EM MORFOLOGIA

Vítor de Moura Vivas (IFRJ)

vitorvivas@yahoo.com.br

Felipe da Silva Vital (IFRJ)

felipe.vital02@hotmail.com

Wallace Bezerra de Carvalho (UFRJ)

wallacebcarvalho@gmail.com

Carlos Alexandre Victório Gonçalves (UFRJ)

carlexandre@bol.com.br

Rômulo Andrade de Oliveira (UFRJ/IFRJ)

andrade.o.romulo@gmail.com

Tiago Vieira de Souza (UFRJ/IFRJ)

tiago.vieiras@hotmail.com

Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ)

RESUMO:

Neste artigo, explicitamos os percursos que estamos cumprindo no grupo de pesquisa liderado por Vítor de Moura Vivas no IFRJ, *campus* Rio de Janeiro, em conjunto com alunos da graduação em letras da UFRJ e com financiamento do CNPq e do PROCiência. O ensino de morfologia é feito, muitas vezes, de maneira descontextualizada sem considerar as modificações que ocorrem no uso e a relação da morfologia com questões de produção/leitura de textos. Pretendemos apresentar estratégias de ensino que podem ser utilizadas em morfologia através do embasamento do que é produzido em pesquisa na área e da abordagem do que pode ser aprimorado nessa disciplina no ensino médio. Na pesquisa realizada em 2015-2016, fizemos um levantamento exaustivo da abordagem de morfologia em livros didáticos, gramáticas tradicionais e gramáticas escolares. O foco da nossa pesquisa, em 2016-2017, é apresentar possibilidades de novas estratégias de ensino em quatro áreas da morfologia: 1) derivação; 2) composição; 3) flexão verbal e 4) processos marginais de palavras. Vale ressaltar que o artigo é apenas uma proposta embrionária com questões que aprimoraremos nos próximos passos da pesquisa.

Palavras-chave: Morfologia. Ensino. Possibilidades. Uso. Texto.

1. Introdução

Geralmente, o ensino de morfologia é feito de maneira descontextualizada sem considerar as modificações que ocorrem no uso e a relação da morfologia com questões de produção/leitura de textos. Apresentamos, neste artigo, as escolhas/experiências do grupo de pesquisa liderado por Vítor de Moura Vivas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Rio de Janeiro, em conjun-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

to com alunos da graduação em letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com financiamento do CNPq e do PROCiÊNCIA. No texto, o líder, junto com orientandos e colaboradores, expõe os objetivos do projeto de pesquisa de 2016/2017: “Novos caminhos para o ensino de morfologia: foco no uso e no significado”, comparando com os passos dados no ano anterior. Objetivamos propor mudanças no estudo de morfologia no ensino médio. Entendemos ser fundamental ensinar morfologia 1) atentando para o uso, 2) focalizando as mudanças e 3) observando a criatividade do falante. Na pesquisa, discutimos a abordagem, no ensino médio, de questões referentes à interface entre morfologia e texto. Verificamos que, muitas vezes, em livros didáticos, o texto é usado como pretexto em questões de morfologia. Temos o objetivo de apresentar aos alunos estratégias morfológicas que influenciam diretamente na elaboração/leitura do texto.

No tópico processos de formação de palavras, geralmente, só a contraparte formal é explorada. Não são discutidos, muitas vezes, os aspectos semânticos envolvidos em cada processo de formação. Muitas vezes, uma forma derivada ou composta pode adquirir diversos significados e o que está na base dessas formações são as habilidades cognitivas metáfora e metonímia. O sufixo “-eiro”, por exemplo, apresenta diversos significados possíveis: agente profissional (“pedreiro”); agente habitual (“bagunceiro”); lugar (“banheiro”); lugar natural (“cachoeira”) instrumento (“chuveiro”); excesso (“louceiro”), árvore (“bananeira”). Na formação de todas essas palavras, ocorre a habilidade cognitiva metáfora ou metonímia.

Outro processo morfológico atual e muito produtivo é a composição: “guarda-chuva”; “porta-copos”; “lava-jato”; “bolsa-família”; “mariagásolina”. O falante usa esse processo frequentemente e cria novas palavras a todo momento. Há pouco tempo surgiu, por exemplo, “mariaoctógono” para indicar aquela mulher que gosta de se relacionar com lutadores de UFC (*Ultimate Fighting Championship*). Nesse uso, o falante lança mão de metonímia, fazendo com que “o lugar em que se luta: octógono” indique o esporte MMA (*Mixed Martial Arts*). É muito comum e frequente a criação de novos dados por composição com o uso de metonímia ou metáfora presente em seu significado. O aluno deve ter acesso à produtividade do processo e também à sua fundamentação semântica.

Outra seção que deve ser abordada, no ensino, é a existência de processos morfológicos não concatenativos, que, inclusive já foram muito estudados no âmbito acadêmico (BASÍLIO, 2010; GONÇALVES,

2004; GONÇALVES, 2011). Dentre esses processos, estão o cruzamento vocabular: "chafé", "portunhol", "macarronese", "pilantropia", "aborrescente", "namorido", "crição", "brasiguai"; a substituição sublexical ou reanálise: "boadrasta", "boadrinha", "bebemorar"; o truncamento ("delega", de delegado, "profissa", de profissional); a hipocorização ("Nanda", de Fernanda, "Beto", de Roberto, "Luci", de Luciana), entre outros. É importante fornecer ao aluno acesso a esses processos produtivos e criativos com uma consequente formalização que seja coerente com os dados e acessível a um aluno do ensino médio.

Além de estudar as diversas seções de morfologia focalizando o uso e o significado, pretendemos abordar, sempre que possível, a relação entre morfologia e texto. É fundamental entender como o conhecimento de morfologia pode ser importante em estratégias de leitura/produção textual. Investigar essa relação é muito importante de acordo com que apregoam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

2. Propostas do projeto

O objetivo da nossa pesquisa é propor e colocar em prática novos "caminhos" para os estudos de morfologia de português no Ensino Médio. Geralmente, o que livros didáticos e gramáticas propõem no estudo dessa área está muito distante do uso. Além disso, a interface com a semântica e com o texto não é explorada. Fundamentando-nos em autores como Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2005; 2011a; 2011b; 2012; 2016), Carlos Alexandre Victorio Gonçalves e Maria Lucia Leitão de Almeida (2014), Margarida Maria de Paula Basílio (1987; 2010; 2011) e Vítor de Moura Vivas (2010; 2011; 2015), aplicamos ao ensino o que é produzido e discutido em morfologia no âmbito acadêmico. Focalizando o uso e o texto, existem possibilidades reais de efetivar um ensino de morfologia, conforme o que apregoam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

Na pesquisa realizada em 2015-2016, fizemos um levantamento exaustivo da abordagem de morfologia em livros didáticos, gramáticas tradicionais e gramáticas escolares. Observamos que, na maioria das vezes, os livros didáticos e as gramáticas escolares, mesmo tendo objetivos diferentes, repetem o discurso da gramática tradicional. Como previsto pelo projeto "Morfologia e uso: por novas perspectivas para o ensino de português", submetido e contemplado pelo edital PIBIC/PROCIÊNCIA 2015-2016, verificamos, na pesquisa, que o ensino de morfologia é des-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

vinculado do uso; desconsidera a contraparte semântica do processo e não é relacionado adequadamente a estratégias de leitura/produção de texto.

A pesquisa realizada em 2015-2016 focalizou, prioritariamente, quatro subáreas da morfologia: 1) derivação; 2) composição; 3) flexão verbal e 4) processos marginais de palavras; assim, gerou uma crítica ampla daquilo que é produzido nos compêndios gramaticais/escolares e aplicado geralmente no ensino. Esse trabalho de análise crítica gerou como frutos, além de diversas apresentações de trabalhos em congressos, alguns materiais bibliográficos como os artigos “Novas perspectivas para o ensino de morfologia”; “Problemas no ensino de composição, derivação e processos não concatenativos: a necessidade de um ensino de morfologia criterioso e pautado no uso”; o livro *Atuais Tendências em Formação de Palavras*” dois capítulos de livro, entre outros materiais bibliográficos.

A partir daquilo que verificamos como problemas do ensino, começamos a discutir novas possibilidades de ensino de morfologia nessas subáreas. Pensamos em critérios para criar exercícios e estratégias de ensino que sejam diferentes daquilo que criticamos. O olhar e a aplicação desses exercícios e estratégias foram bastante iniciais, visto que, antes de estabelecer novas metodologias e estratégias, precisamos discutir os critérios que estão em jogo.

A renovação do projeto em 2016-2017 se deve à necessidade de elaboração real de um material didático que contemple o uso efetivo da língua, focalize o significado como algo fundamental e se relacione ao texto. Pretendemos criar esse material e aplicar nas aulas de morfologia do IFRJ com o auxílio dos alunos que participam da pesquisa. Em 2016-2017, pretendemos, com o projeto “Novos caminhos para o ensino de morfologia: foco no uso e no significado”, criar metodologias/estratégias de ensino reais que contemplem aquilo que discutimos e propomos nas pesquisas em linguística de morfologia, estabelecendo assim novas possibilidades de ensino.

A ideia é criar novas possibilidades para o ensino/aprendizagem de morfologia levando em conta tudo o que criticamos dos problemas existentes nas nossas apresentações de trabalho e na nossa produção bibliográfica. Temos como objetivo chegar a definições/formalizações dos processos que sejam coerentes com o uso atual da língua e passíveis de aplicação para os alunos. Depois de questionar o que já foi produzido e

aplicado no ensino, é preciso chegar a novas formas de apresentar o conteúdo considerando todos os critérios discutidos em 2015-2016.

Outro aspecto importante da renovação do projeto é a abordagem de outras seções da morfologia não discutidas em 2015-2016. É importante apresentar a mudança no estatuto de elementos morfológicos. No decorrer dos anos, ocorrem modificações no uso de algumas marcas morfológicas. Radicais, por exemplo, passam a atuar como afixos; dentre estes elementos, podemos citar "auto", "bio", "tele", "logo", "dromo". Geralmente, essas modificações de elementos morfológicos não são apresentadas ao aluno, dando a entender que a língua é "pronta", "cristalizada"; em outras palavras, o aluno pensa que não atua nela como um sujeito ativo.

Pretendemos também redefinir a forma de ensinar tópicos como "identificação de morfemas". Percebemos que esse item, o priorizado geralmente em aulas de português e nos compêndios, é abordado apenas com o foco na forma. Queremos elaborar uma abordagem de identificação de morfemas que leve em contato o significado, o uso, a produtividade e seja, de alguma forma, relacionada ao texto.

3. *Revisão de literatura*

Utilizamos como aporte teórico o que vem sendo produzido em morfologia no âmbito acadêmico. Nossa ideia é estudar, com alunos de graduação e mestrado da UFRJ, estratégias que possibilitem a aplicação dessas pesquisas feitas no Brasil ao estudo de morfologia no ensino médio. Dentre estes autores, podemos destacar Margarida Maria de Paula Basílio; Vítor de Moura Vivas; Carlos Alexandre Victorio Gonçalves; Maria Lucia Leitão de Almeida; Bruno Cavalcanti Lima e Luciana de Albuquerque Daltio Vialli, entre outros.

Há o objetivo de pesquisar com os alunos da UFRJ tópicos que complementem/aprimorem os estudos de morfologia aplicados durante a formação no Ensino Médio. Discutimos com os alunos da graduação da UFRJ quais são os erros presentes na abordagem de morfologia em livros didáticos e nas atividades em sala de aula. No grupo de pesquisa, abordamos assuntos de diversas áreas de interesse, como "Novos enfoques sobre a flexão verbal"; "Abordagem de aspectos semânticos na formação de palavras (derivação e composição)"; "Processos não concatenativos de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

formação de palavras”; “Mudança do estatuto de marcas morfológicas”; “Relação entre morfologia e texto”, entre outros.

Esses assuntos complementam conteúdos de morfologia aprendidos no segundo e terceiro períodos. Nos grupos de pesquisa, criados na instituição, estão sendo estudados, em conjunto com os alunos da UFRJ, artigos, trabalhos de todas essas áreas, apontando para a produção acadêmica realizada em português atualmente. A partir do estudo dessas áreas da morfologia, propomos modificações no ensino. Pretendemos expor novas metodologias para o ensino de morfologia considerando o uso, o texto e levando em conta aspectos semânticos, muitas vezes desconsiderados. Diversas produções – tanto com apresentação de trabalhos em reuniões científicas como produção de textos – já foram realizadas; esperamos continuar, em consequência da nossa pesquisa, com a produção de um material que possa servir ao professor do ensino médio na reflexão e no planejamento da sua prática em sala de aula.

Com relação à abordagem de formação de palavras focalizando aspectos semânticos são grandes referências trabalhos de Margarida Maria de Paula Basílio (1987, 2010, 2011), Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2012; 2016), Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, Katia Emmerick Andrade e Maria Lucia Leitão de Almeida (2010), Carlos Alexandre Victorio Gonçalves e Maria Lucia Leitão de Almeida (2014). No estudo de processos de formação de palavras não concatenativos, destacam-se Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2013); Regina Simões Alves e Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2014); Thamy da Silva e Bruno Cavalcanti Lima (2011); Luciana de Albuquerque Daltio Vialli (2013). Quanto aos novos enfoques sobre a flexão verbal, podemos citar Vítor de Moura Vivas (2010; 2011; 2014; 2015); Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2005; 2011); Joan L. Bybee (1985; 2010) e Geert Booij (1995; 2006). Já dentro do tema mudança do estatuto morfológico, autores como Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (2005; 2011b); Patrícia Affonso de Oliveira (2012) e Neide Higino da Silva (2012) não podem ser esquecidos.

A relação entre morfologia e texto não foi discutida amplamente no âmbito acadêmico. Desse modo, pretendemos estudar essa relação e, assim, contribuir não só para o ensino como também para as pesquisas na área. Acreditamos que há um caminho frutífero para ser descoberto na interface entre uso de marcas morfológicas e produção/leitura de textos. Dentre as possibilidades a serem investigadas, podemos citar a relação entre tempos verbais e estratégias de argumentação, narração e descrição;

o uso de determinadas classes morfológicas (com seus respectivos afixos) em mecanismos de retomada textual. Acreditamos que existem padrões de interface morfologia-texto que precisam ser investigados e apresentados no ensino. Certamente, há expedientes morfológicos (afixos; processos de formação de palavras) que ocorrem mais em alguns gêneros textuais que em outros; é fundamental fazer essa investigação e utilizá-la de maneira proveitosa e eficiente ao ensino.

4. A importância da pesquisa em morfologia no ensino

O estudo de morfologia, no ensino médio, costuma ser feito de forma descontextualizada. Além de não se pensar na relação entre morfologia e texto, não se abordam mudanças que ocorrem nesse componente da língua e nem se atenta para a criatividade do falante na produção de novos dados a partir de padrões que dominam. A partir da nossa pesquisa, apresentamos novas possibilidades de práticas e metodologias no ensino de morfologia.

É necessário propor e aplicar no ensino médio estratégias/metodologias que contemplem descobertas feitas no âmbito acadêmico. Temos o interesse de, além de contribuir ao ensino/aprendizagem de morfologia, possibilitar novas abordagens de pesquisa que deem mais relevância a relação entre o conhecimento científico e a sala de aula. Nesse sentido, o projeto terá relevância tanto ao ensino como às pesquisas na área.

Além de ser muito relevante aos alunos o contato com uma nova abordagem sobre assuntos de português estudados no ensino médio, o estudo científico do português faz com que eles utilizem o potencial que adquiriram em outras áreas de pesquisa (química, farmácia, biotecnologia etc.) na observação de fenômenos linguísticos que ocorrem em sua língua materna. Através de um ensino que contemple pesquisas em português, os alunos podem perceber que a abordagem científica na língua exige os mesmos pré-requisitos de outras áreas: teoria, metodologia, análise de dados etc. Isso pode ajudá-los, inclusive, nas pesquisas que estudam e produzem em suas áreas técnicas.

É necessário redefinir diversas subáreas da morfologia possibilitando, assim, novas estratégias ao professor. Pretendemos dar ferramentas para que o docente no ensino médio tenha possibilidades de “experimentar” um ensino de morfologia pautado no uso atual, contextualizado

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

e que considere o significado como um componente fundamental da língua.

5. Os objetivos do nosso projeto

5.1. Objetivo geral do trabalho

Existe o objetivo de propor novas estratégias/métodos que contemplem o uso e o texto. Pretendemos apresentar novas possibilidades para a abordagem de morfologia na escola que utilizem aquilo que é produzido nas pesquisas da área. Essas novas estratégias levarão em conta aspectos desde a definição/formalização dos processos em todas seções da morfologia estudadas até a elaboração de exercícios, a escolha de exemplos e a demonstração/utilização de planos de aula possíveis. Depois de termos feito, em 2015-2016, um levantamento exaustivo dos problemas que aparecem nos compêndios gramaticais e escolares, temos leitura e crítica suficiente para estabelecer novas metodologias reais para o ensino.

5.2. Objetivos específicos

- a) Apresentar novas definições/formalizações de processos derivacionais e da composição pautando-se no uso e no significado;
- b) Discutir que processos não concatenativos devem ser abordados no ensino médio;
- c) Apresentar definição e formalização dos processos não concatenativos compatíveis aos alunos do ensino médio;
- d) Elaborar exercícios/planejamentos de aula considerando o uso, o significado e entendendo o aluno como sujeito ativo na língua;
- e) Aprofundar a visão crítica dos problemas que existem na relação entre o ensino de morfologia e aquilo que apregoam os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua portuguesa;
- f) Pensar estratégias/metodologias de ensino que se adequem aquilo que apontam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*;
- g) Abordar possibilidades reais de um ensino de morfologia que contemple as mudanças que ocorrem na língua, a criatividade do falante e a relação com a produção/leitura de textos;

- h) Continuar a leitura artigos e outros textos científicos sobre assuntos discutidos na morfologia atualmente;
- i) Pensar em relações possíveis entre pesquisa e ensino de morfologia;
- j) Apresentar trabalhos em congressos e seminários;
- l) Produzir artigos em anais de congressos ou revistas específicas da área.

6. Metodologia da pesquisa

Continuaremos discutindo os problemas que ocorrem no ensino de morfologia. Após chegarmos a considerações sobre aquilo que precisa ser melhorado no ensino no projeto 2015-2016, passaremos a focar agora nas estratégias/metodologias a traçar, possibilitando, assim, caminhos reais de mudança.

Por sabermos que há diversas subáreas para serem observadas, pretendemos atribuir cada aspecto a ser olhado no trabalho a um aluno envolvido. Desse modo, um bolsista deve se centrar mais especificamente na “composição”, além de ficar também responsável pela mudança na abordagem de “identificação de morfemas”, relacionando esse tópico àquilo que propõem os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. O outro bolsista deve focalizar prioritariamente os processos formação de palavras não concatenativos e a derivação. Em cada subárea, haverá a proposição de definições e formalizações; elaboração de exercícios e criação de métodos para ensinar cada subárea em aulas de morfologia. A continuação das investigações sobre “novos enfoques sobre a flexão verbal” e a mudança de elementos morfológicos ficará sob a responsabilidade do coordenador com o auxílio pontual dos orientados e colaboradores.

Nas nossas reuniões periódicas, conversaremos sobre as percepções de cada aluno na sua parte destinada na pesquisa. Assim, pretendemos propor novas metodologias/estratégias reais e efetivas para o ensino de morfologia. Em outras palavras, após discutir, em 2015-2016, exaustivamente os problemas e estudar aquilo que vem sendo produzido no âmbito acadêmico, temos o objetivo de pautar as nossas reuniões na produção de um novo conhecimento que seja valioso ao professor no ensino. Certamente, a prática de investigação/estudo daquilo que é produzido em

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lingüística continuará sendo realizada conforme a pesquisa se desenvolver. As dúvidas e os questionamentos que surgirem serão sanados com as reuniões e com o estudo na área, possibilitando, assim, uma relação entre pesquisa e ensino constante e ativa.

Como investigamos exaustivamente os problemas em 2015-2016, precisaremos indicar soluções efetivas para um ensino de morfologia pautado no uso e no texto. Objetivamos aplicar às aulas de morfologia do IFRJ as descobertas feitas durante a pesquisa a fim de avaliar a validade das estratégias sugeridas. Essa aplicação ao ensino deverá ser feita pelo coordenador do projeto Vítor de Moura Vivas. Essa aplicação foi feita de maneira inicial no projeto de 2015-2016 através de testes para fundamentar as críticas que havíamos feitos e de exercícios iniciais que buscaram olhar para a morfologia em uso tendo em vista a questão do significado. Em 2016-2017, temos amadurecimento e material suficiente para alcançar métodos aprofundados de um ensino pautado nos que apregoam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Regina Simões; GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. O processo de formação de palavras com os *splinters* -nese, -nejo e -tone. *Entretextos*, vol. 14, p. 27-42, 2014.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, vol. 6, n. 2, 2010.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. *ReVEL*, vol. 9, n. 5, p. 99-117, 2011.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BOOIJ, Geert. Inflection and derivation. In: BROWN, Keith et al. (Eds.). *Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed., vol. 5, Oxford: Elsevier, p. 654-661, 2006.

_____. Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis. In: ____; VAN MARIA, Jaap. (Eds.). *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht, Kluwer, 1996, p. 1-16.

BRITO, Eliana Vianna. *PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula*. Arte & Ciência, 2001.

BYBEE, Joan L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

_____. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*, vol. 9. 1. ed. Amsterdam (Philadelphia): John Publishing Company, 1985.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro*. *SIGNUM: Estudos de Linguagem*. Londrina, vol. 15, p. 169-199, 2012. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/10721/11171>>

_____. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 9, n. 5, p. 6-39, 2011. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_compostos.pdf>.

_____. *Linguística textual e PCNS de língua portuguesa*. (2004). Disponível em: <<https://pos.letras.ufg.br/n/2109-linguistica-textual-e-pcns-de-lingua-portuguesa>>

_____; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. *Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias*. *Alfa: Revista de Linguística*, vol. 1, p. 165-193, 2014.

_____; ANDRADE, Katia Emmerick; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. "Se a macumba é para o bem, então é boacumba": análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística (Rio de Janeiro)*, vol. 6, p. 64-82, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, Patricia Affonso de. Os afixoides eco- e homo- no processo de recomposição. *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 69-81, 2012.

SILVA, Neide Higino da. "Agri- e agro-: a produção no campo do continuum composição-derivação". *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 43-68, 2012. Disponível em:

<<http://www.nemp.com.br/images/pdf/neide%20higino%20da%20silva.pdf>>.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

SILVA, Hayla Thami da; LIMA, Bruno Cavalcanti. Processos não lineares de formação de palavras: os malcomportados do português. *Revista Souza Marques*, p. 71-94, 2011.

VIALLI, Luciana de Albuquerque Daltio. *Reduplicação de base verbal: uma análise pela morfologia construcional*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2013.

VIVAS, Vítor de Moura. A instabilidade categorial do particípio passado: uma visão cognitivista. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de et al. (Orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*, capítulo 4, Rio de Janeiro, Publit, 2010.

_____. *Abordagem de padrões derivacionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa: por uma visão gradiente da morfologia do português*. 2015. Tese (de Doutorado em Letras Vernáculas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

_____. Análise de padrões não flexionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, vol. 8, p. 231-242, 2014.

_____. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. 2011. Dissertação (de Mestrado em Letras Vernáculas). UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.